

MATRÍCULAS

Samambaia é a cidade que mais quer as vagas da rede pública

Um levantamento parcial da Secretaria de Educação do Distrito Federal mostra que Samambaia lidera os pedidos de inscrição no ensino fundamental (1ª à 8ª série) pelo disque-matrícula, o telefone 156. A cidade registra demanda de 1.020 solicitações, seguida de Taguatinga, com 867, Recanto das Emas, 860 e Plano Piloto, 838. Cidades como Candangolândia e Novo Gama, porém, têm pouca procura pelo sistema, com 17 e 22 pedidos, respectivamente.

De acordo com o diretor de Planejamento da Secretaria de Educação, Júlio Gregório Filho, um dos fatores para a procura acentuada por vagas nas séries do ensino fundamental, em Samambaia, é a ampliação do atendimento educacional infantil na cidade. Gregório acredita ainda que a antecipação da matrícula das crianças que completarem seis anos até o dia 28 de fevereiro de 1999 na rede pública também resultou no aumento da demanda. Já em Taguatinga, a demanda, avalia, está relacionada ao aumento populacional.

O levantamento da Secretaria, concentrando as cidades de maior demanda nos pedidos de inscrição nas escolas públicas, vai permitir um planejamento prévio das atividades do ano letivo de 1999. Segundo Gregório, em cidades como Recanto das Emas, Samambaia, São Sebastião, Santa Maria e Riacho Fundo II, deverão ser construídas novas salas de aula para atender os alunos que anteriormente não pertenciam à Fundação Educacional.

O disque-matrícula já registrou 34.416 ligações e efetuou 7.946 inscrições de novos alunos na rede pública de ensino. O número de inscrições, comenta o diretor de Planejamento da Secretaria, está abaixo das expectativas. "O ideal é que estivessem inscritos mais de 12 mil alunos", diz Gregório. A meta da Fundação é matricular 45 mil novos alunos na rede pública.

A 1ª série do 1º grau registra o maior número de pedidos de inscrição. Foram 5.294 na 1ª série e somente 494 na 5ª. Terceira e quarta séries têm demanda reduzida, de 574 pedidos.

O disque-matrícula começou dia 8 de setembro e prossegue até dia 5 de dezembro. A ligação é gratuita e pode ser feita, inclusive, de telefone público. No total, 72 linhas e 20 telefonistas estão disponíveis para o atendimento à comunidade. Ao ligar, o interessado deve fornecer dados como nome completo, data de nascimento, série que vai cursar, endereço residencial e comercial, de acordo com a proximidade da escola, nomes dos pais ou responsáveis.

Cerca de 7 mil correspondências já foram encaminhadas aos pais de alunos, confirmando a inscrição no sistema. Nas correspondências são conferidos dados como idade, série que pretende cursar e endereço. Após o 10º dia de inscrição, se a correspondência não chegar à residência do candidato, ele deverá ligar novamente para o 156. Já a confirmação da escola em que o aluno deverá estudar será somente em dezembro, em papel verde.

O atendimento ao público, pelo 156, funciona de segunda a sexta, de 7h às 23h, via telefonista. Aos sábados, os pedidos de inscrição podem ser feitos de 9h às 15h. Aos domingos, o atendimento é por caixa postal. A dica é aproveitar o período noturno para efetuar as ligações, quando as linhas estão mais liberadas, e os sábados. O aumento na demanda tem sido registrado nas manhãs de segunda a sexta.

Para matrículas no pré-escolar, os pais devem procurar a escola em fevereiro de 1999, entre os dias 1º e 12. Se a demanda for maior que a oferta, haverá sorteio de vagas.

Adauto Cruz



Laboratório de informática, na UnB, para quem tem deficiências visuais, possui equipamentos que possibilitam até o acesso de cegos à Internet, com a tradução da informação escrita em voz mecânica

HÁ LUGAR PARA TODOS

BRASILIA SE TORNA REFERÊNCIA EM POLÍTICAS PARA ATENDER PESSOAS PORTADORAS DE NECESSIDADES ESPECIAIS

Nicolas Bonvakiades
Da equipe do Correio

Os telefones celulares que tocam na rua confundem quem é cego. Acontece de ouvir alguém falando ao seu lado e pensar que é com ele. Os prédios e equipamentos urbanos também não são adequados para quem tem essa ou outra deficiência. As pessoas não sabem como agir com quem é diferente. Imagine, então, como é enfrentar uma sala onde tudo, desde os livros até as cadeiras, foi feito para quem enxerga e não tem necessidades especiais. Isso já foi motivo para muita gente deixar de estudar.

Esse quadro está mudando no Distrito Federal. O ensino de Brasília é referência nacional, quando o assunto é educação e inclusão social de pessoas portadoras de necessidades especiais. Entre todas as universidades do país, a Universidade de Brasília é apontada pelo Ministério da Educação (MEC) como a que melhor se prepara para atender o público que, por ter necessidades especiais, não tinha acesso ao ensino superior.

no superior.

Hoje, cerca de 800 profissionais envolvidos com a educação de portadores de necessidades especiais se reúnem nos auditórios do Parlamundi, na 915 Sul, para discutir e trocar experiências na área. Ali serão realizados o I Seminário Sobre Educação Inclusiva no Distrito Federal, o I Fórum de Educação Especial das Instituições de Ensino Superior do Distrito Federal e o I Encontro de Profissionais de Estimulação Precoce do Distrito Federal. Iniciativa da Divisão de Ensino Especial da FEDF, Federação Brasileira das Associações de Síndrome de Down e Universidade de Brasília, com o patrocínio do MEC.

"Não é uma questão de privilégios. Estamos nos esforçando para dar oportunidades iguais de acesso à Universidade a todos", diz a coordenadora de Educação Especial da Faculdade de Educação da UnB, professora Marlene Soares.

INTERNET PARA CEGOS

O estudante Ed Lyra Leal, 20 anos, foi aprovado, no último vestibular, para o curso de Relações Internacionais — ele é cego há nove anos. Mesmo antes de terminar o 2º grau, foi aprovado para Química. "Mas é um curso muito visual, seria muito complicado. Gosto de Relações Internacionais e o curso tem melhores perspectivas, especialmente em Brasília", diz.

Ed terminou ontem um curso de informática, oferecido pela própria Universidade, para cegos e portadores de deficiências visuais. Esse laboratório é dotado de equipamento especial para esse fim. Com o sistema Dosvox, que substitui o MS DOS

TUDO A APRENDER

SEMINÁRIOS SOBRE EDUCAÇÃO ESPECIAL NOS AUDITÓRIOS DO PARLAMUNDI-LBV, NA 915 SUL

■ 1º Seminário sobre Educação Inclusiva no DF — de hoje a 9 de outubro

■ 1º Fórum de Educação Especial das Instituições de Ensino Superior do DF — de hoje a 9 de outubro

■ 1º Encontro de Profissionais da Estimulação Precoce no DF — hoje, das 8h às 18h

PALESTRAS, CONFERÊNCIAS E MESAS-REDONDAS

■ Políticas e Tendências na Educação Especial

■ Pressupostos Teóricos e Filosóficos da Educação de Alunos com

■ Necessidades Especiais

■ Adaptação Curricular

■ Relato de Instituições de Ensino Superior: Ingresso e Permanência do PNE no 3º Grau e o Dia-a-Dia da Inclusão

■ O Processo de Inclusão no Ensino Regular

■ O Papel da Estimulação Precoce na Educação Inclusiva

■ Gerenciamento da Educação Especial

■ O Processo de Avaliação do Diagnóstico Inicial à Terminalidade

■ Inclusão Profissional

■ As Políticas do Governo do Distrito Federal frente ao Atendimento do PNE

■ Cooperativa: O Trabalho Rumo à Independência

■ Desafios e Perspectivas da Inclusão na Abordagem da Saúde Mental

e Windows, é possível até o acesso de um cego à Internet, pois a informação escrita é transcodificada em voz mecânica.

"Não é a melhor maneira para determinadas leituras; às vezes o braille é mais prazeroso", revela o professor responsável pelo curso, João Paganini, também cego. Mas garante o acesso à informação, para quem necessita dela. Impressoras braille, que decodificam textos escaneados e permitem reproduzir textos indispensáveis ao estudante, e equipamentos portáteis — espécie de notebook com teclado braille — também são demonstrados ali.

"Os equipamentos são duas ou três vezes mais caros no Brasil do que no exterior", afirma o professor João Paganini. "Por isso, muitos nem sabem de sua existência", completa. A difusão da tecnologia é mais uma das vantagens apontadas por ele.

A professora Marlene Soares avisa que o laboratório será disponibilizado a toda a comunidade interessada. "Teremos uma professora e dois bolsistas prestando o atendimento", diz. Ela coordena também o vestibular para portadores de necessidades especiais, na UnB. "A cada semestre, dois ou três conseguem aprovação. Damos to-

das as condições possíveis para fazerem as provas", conta.

OPORTUNIDADES

No último vestibular, houve um portador de paralisia cerebral que fez todas as provas em computador. "A procura desse público aumenta a cada semestre, por isso temos que tornar as universidades mais adequadas, tanto na especialização de profissionais quanto no equipamento", avalia Marlene.

Mas, para chegar ao ensino superior, tem que haver garantia de condições especiais no primeiro e segundo graus, para esses estudantes. Existem hoje no Distrito Federal dez centros de ensino especial, 400 classes especiais e ainda alunos que foram integrados a turmas regulares, num total de 10 mil alunos, entre os 540 mil matriculados.

Convênios com entidades como a Sociedade Pestalozzi, Pró-Down e Federação Brasileira das Associações de Síndrome de Down, entre outras, permitem que outras 1,3 mil crianças tenham o atendimento de 141 professores cedidos pela Fundação Educacional do Distrito Federal (FEDF).

O diretor da Divisão de Ensino Especial da FEDF, José Rafael Miranda, informa que são oferecidos 14 cursos nas diversas áreas de deficiências, que já capacitaram mais de 1,3 mil profissionais das escolas públicas. São pessoas que trabalham desde a estimulação precoce de crianças portadoras da Síndrome de Down até o trabalho com portadores de deficiências múltiplas. "Acabou o estigma da piedade, eles precisam de oportunidade", diz o diretor.